



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ANDERSON GONÇALVES DOS SANTOS

**A METÁFORA COMO FIGURA PRINCIPAL NO ROMANCE “CHOVE NOS
CAMPOS DE CACHOEIRA”, DE DALCÍDIO JURANDIR**

ABAETETUBA-PA

2018

ANDERSON GONÇALVES DOS SANTOS

**A METÁFORA COMO FIGURA PRINCIPAL NO ROMANCE “CHOVE NOS
CAMPOS DE CACHOEIRA”, DE DALCÍDIO JURANDIR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura plena em Letras, sob a orientação da Prof.^a Ma. Rosa Bentes, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará.

ABAETETUBA-PA

2018

ANDERSON GONÇALVES DOS SANTOS

**A METÁFORA COMO FIGURA PRINCIPAL NO ROMANCE “CHOVE NOS
CAMPOS DE CACHOEIRA”, DE DALCÍDIO JURANDIR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura plena em Letras, sob a orientação da Prof.^a Ma. Rosa Bentes, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará.

Aprovado em: _____/_____/_____

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Prof.

Orientadora

ABAETETUBA-PA

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado força, saúde, sabedoria para chegar até aqui, e por se fazer sempre presente me protegendo, me guiando e sendo o meu apoio para superar todas as dificuldades.

Agradeço a professora Rosa Bentes, pela orientação e empenho dedicado para a elaboração deste trabalho.

A minha mãe por todo amor, carinho e incentivo que sempre me deu por toda a minha vida, sem ela nada disso seria possível, agradeço pela mulher de fibra e que sempre fez o possível e impossível para que eu tivesse uma boa educação.

Meus agradecimentos ao meu amigo de turma Paulo Raphael, que sempre esteve comigo e me ajudou para que este trabalho fosse produzido, agradeço também aos meus amigos Júlia Rita, Hérica Cristina, Wendell Miranda, Yanca Marcelle, Nilma Pinheiro e José Wilker que foram meus parceiros de trabalhos, que sempre pude contar com eles para superarmos juntos todas as dificuldades do curso, amigos que a UFPA me deu e que vou levar para a vida toda.

Agradeço também ao meu companheiro Thiago Baia, que sempre esteve ao meu lado me apoiando e me dando forças para superar as adversidades que encontrei até aqui.

Enfim, a todos que se dispuseram direta e indiretamente e me ajudar para a minha formação acadêmica, o meu muito obrigado.

**Dalcídio, "OS HABITANTES" das "RIBANCEIRAS"
na "PONTE DO GALO" em "BELÉM DO GRÃO PARÁ"
sabem que "CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA"
lá no "MARAJÓ" que sempre te reverenciará**

**PASSAGEM DOS INOCENTES, CHÃO DOS LOBOS
PRIMEIRA MANHÃ, TRÊS CASAS E UM RIO
todo mundo sabe, pois não somos bobos
és dos maiores escritores desse Brasil**

**Personalidade Marajoara do século vinte
que nas "Linhas dos Parques" culturais
escrevia com simplicidade e requinte
como uns tantos da galeria dos imortais**

**Grande Amazônida, Paraense, Parauara
o fantástico escritor Dalcídio Jurandir
é um imortal pro nosso povo Marajoara
por sua militância no escrever e no agir**

**Jetro Fagundes
Farinheiro Marajoara**

A METÁFORA COMO FIGURA PRINCIPAL NO ROMANCE “CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA”, DE DALCÍDIO JURANDIR

SANTOS, Anderson Gonçalves dos¹

RESUMO

Este artigo aborda o romance “Chove nos Campos de Cachoeira”, de Dalcídio Jurandir, em que faço um breve passeio por alguns trechos da obra com o objetivo de analisar a metáfora dentro do romance a fim de retratar a figura de linguagem como ponto característico e marcante nas obras de Dalcídio Jurandir. Nesse romance, Jurandir vai dialogar com o mundo explorando o contexto sócio histórico da Ilha do Marajó e o contexto amazônico, sem regionalizar, porém, acessível a qualquer leitor amante da boa literatura brasileira. Utilizo como referência os autores Nunes (2003), Maligo (1992), Assmar (2003) e Moisés (2000), em que ambos irão falar das obras e vida de Dalcídio Jurandir, e também tenho como referência enquanto a figura de linguagem metáfora Cassirer (1992) e Lakoff e Johnson (2002). Ao concluir a análise do romance “Chove nos Campos de Cachoeira”, é possível afirmar que o autor trouxe um enredo de uma importância para a nossa literatura, tratando da vida social, do cotidiano fazendo uso de personagens tão significativos para a nossa sociedade, falando desses acontecimentos com uma simplicidade, sem o apelo estético clássico, mostrando a vida do marajoara como ela é sem folclorização dos personagens.

Palavras-chave: Amazônico; Jurandir; Metáfora.

ABSTRACT

This article deals with the novel "Rain in the Fields of Waterfall", by Dalcídio Jurandir, in which I take a short walk through some of the work with the objective of analyzing the metaphor within the novel in order to portray the figure of language as a characteristic point and marked in the works of Dalcídio Jurandir. In this novel, Jurandir will dialogue with the world exploring the sociohistorical context of the Island of Marajó and the Amazonian context, without regionalization, but accessible to any lover of good Brazilian literature. I use as reference the authors Nunes (2003), Maligo (1992), Assmar (2003) and Moisés (2000), both will talk about the works and life of Dalcídio Jurandir, and also have as reference while the metaphor language figure Cassirer (1992) and Lakoff and Johnson (2002). In concluding the analysis of the novel "Rain in the Fields of Waterfall", it is possible to affirm that the author brought a plot of importance to our literature, dealing with social life, everyday life making use of characters so significant for our society, speaking of these events with a simplicity, without the classic aesthetic appeal, showing the life of the marajoara as it is without folklore of the characters.

Key-words: Amazonian; Jurandir; Metaphor.

¹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em Letras-habilitação em língua portuguesa, pela Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba. E-mail: dhangoncalves_08@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O romance amazônico tem como um dos principais representantes o escritor Dalcídio Jurandir, ímpar no cenário de nossa literatura. Entre o ano de 1929, data da primeira versão do romance “Chove nos campos de Cachoeira”, e o ano de 1979, ano de seu falecimento, o autor construiu, de forma disciplinar, uma obra que influenciaria de modo definitivo a escrita romanesca da literatura brasileira de expressão amazônica. Além disso, de acordo com Nunes², sabendo da importância de seu trabalho, Jurandir parece ter seguido à risca os preceitos de Eugene Horn, autor de “A Hiléia amazônica” que, segundo Moreira (1989, p. 12) afirma que “A Amazônia não é ‘terra de promessa’ nem ‘terra de riquezas incalculáveis’, mas uma terra de problemas desconcertantes, ainda por resolver”.

Paulo Nunes é um dos maiores expoentes da literatura da Amazônia vai enfatizar que a literatura amazônica tem que ser vista como algo do Brasil não só como uma literatura regional.

Por essas e outras — embora sendo professor de Literatura da Amazônia —, tenho optado por uma expressão que considero mais conseqüente em se tratando de literatura da/sobre a nossa região: literatura brasileira de expressão amazônica. Afinal, está na hora de (como fizeram os primeiros modernistas) os demais brasis redescobrirem este Brasil que está ao norte, e é demarcado pela linha do Equador. E a literatura, penso, é mais que pretexto, ela é, sem trocadilhos, o passaporte. E que ela não seja somente paraense, seja brasileira, quiçá, universal! (Paulo Nunes, 2008).

O paraense Dalcídio Jurandir (1909 - 1979) nasceu em Ponta de Pedras, cidade localizada na ilha de Marajó (PA). Jornalista, funcionário público, militante político, romancista e tradutor, assim como outros artistas da sua época, o marajoara participou ativamente da vida intelectual e literária brasileira. O romancista é autor de uma saga romanesca, conhecida como ciclo Extremo Norte, na qual aparecem os dramas de negros, mulatos, brancos, mestiços e demais personagens de condição humilde na Amazônia. O ciclo é iniciado com o romance “Chove nos Campos de Cachoeira” (1941), seguido por “Marajó” (1947), “Três casas e um rio” (1958), “Belém do Grão – Pará” (1960), “Passagem dos inocentes” (1963), “Primeira manhã” (1968), “Ponte de Galo” (1971), “Os habitantes” (1976), “Chão dos lobos” (1976) e

² Paulo Jorge Martins Nunes, ou simplesmente, Paulo Nunes, é Mestre em Letras – Teoria Literária, pela Universidade Federal do Pará – UFPA, Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e trabalha como professor nas áreas multidisciplinares de Comunicação, Cultura e Linguagem Literária. É Professor da graduação em Letras e do Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia – UNAMA. Disponível em <https://simplesmentelu.blogspot.com/2018/06/113645.html>. Acesso em 14/06/2018.

“Ribanceira” (1978). Na contramão dos romances que narram o denso painel amazônico, aparece a obra “Linha do Parque” (1959), livro encomendado pelo PCB ao romancista e cuja temática mostra um grupo de homens e mulheres lutando em uma revolta operária na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul.

Este artigo tem como objetivo analisar a metáfora dentro do romance “Chove nos campos de cachoeira” a fim de retratar a figura de linguagem como ponto característico e marcante nas obras de Dalcídio Jurandir, associada ao ritmo das águas marajoaras para retratar a vida cabocla simples e melancólica dos moradores dos campos alagados de Cachoeira do Arari, cidade pertencente à ilha de Marajó, no estado do Pará, terra natal de Dalcídio Jurandir.

Segundo Nunes³ (2003), “Chove nos Campos de Cachoeira”, de Dalcídio Jurandir, é considerado o primeiro romance amazônico moderno. Com grande força e intensidade narrativa, é marcado pela influência da segunda geração do romance modernista no Brasil, esta obra faz mais do que pintar quadros da vida singular de quem a escreveu. Dalcídio Jurandir descreve o horizonte amazônico a partir de vivências regionais, o contexto humano e geográfico com a pluralidade de suas imagens, suas elaborações linguísticas típicas, a cultura e, até mesmo, as concepções sociopolíticas que perpassam esta mundividência.

“Chove nos campos de Cachoeira” se ambienta em Cachoeira do Arari, município do arquipélago do Marajó onde reside Alfredo, personagem principal das obras de Dalcídio Jurandir. Dentro do romance vamos perceber o contraste entre o interior e a metrópole, os costumes da europeizada Belém frente aos de cachoeira do Arari. Na trama também vamos entrar no ambiente marajoara sentir na trama a envolvente vida dos ribeirinhos de cachoeira e as memórias afetivas do narrador, onde nos passa ter um sentimento de pertencente à terra marajoara. No romance o caroço de tucumã vai ter um papel de quase um dos personagens da obra, semente de uma árvore muito popular aqui, na região, vai ganhar significação especial no romance; onde o caroço será uma espécie de fuga do menino Alfredo, da vida difícil que leva em cachoeira, a semente será a existência do sonho da esperança de dias melhores para aquele povo sofrido de Arari.

³ Benedito José Viana da Costa Nunes, conhecido como Benedito Nunes, é um crítico literário, nascido em Belém/PA, no ano de 1929, faleceu em 2011, estudou filosofia na França e foi professor titular emérito da Universidade Federal do Pará, consagrado professor, filósofo e crítico literário paraense.

O romance “Chove nos Campos de Cachoeira” é a primeira obra de dez exemplares que ele próprio chamou de “ciclo do extremo norte”. Cachoeira, então vai ser um marco para a forma de como vamos ver o romance moderno. Jurandir vai tratar dentro de sua obra a vida, o cotidiano de pessoas, vamos ter a realidade, sem fantasia, vai fazer com que nós leitores nos vejamos dentro do romance, vamos ver as nossas mazelas sociais, nossa formação como povo, formação essa descrita no ambiente de cachoeira, vai ser fiel ao contexto histórico e as suas contemporaneidades que perpassam o romance e chegam até os nossos dias.

1 A METÁFORA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Cassirer (1992), diz que o indivíduo, a partir do momento que passou a viver em sociedade, foi obrigado a falar e expressar-se de maneira metafórica, e este falar metafórico não é apenas uma questão poética, mas sim, uma forma de atender as suas necessidades de comunicação primitiva. A metáfora consiste em utilizar uma palavra ou uma expressão em lugar de outra, sem que haja uma relação real, mas em virtude da circunstância de que o nosso espírito as associa e depreende entre elas certas semelhanças. É importante notar que a metáfora tem um caráter subjetivo e momentâneo.

Pode-se tomar este conceito no sentido em que seu domínio abrange tão somente a substituição consciente da denotação por um conteúdo de representação, mediante o nome de outro conteúdo que se assemelhe ao primeiro em algum traço, ou tenha com ele qualquer “analogia” indireta (Cassirer 1992:104).

Os fatos culturais, os costumes e o ambiente em que vivemos são expressos em nossa língua; portanto essa é a real importância que temos que dá em relação aos estudos da linguística e literatura. É nesse contexto que a metáfora vai ter um papel importante na comunicação. A metáfora estará ligada totalmente a questão do nosso cotidiano, da nossa vivência com o ambiente que estamos dialogando, que estamos inseridos dentro da nossa comunicação.

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões de intelecto: Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceitual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Em “Chove nos Campos de Cachoeira” a metáfora vai ser muito presente, é uma das figuras de linguagem mais usada por Dalcídio Jurandir, do primeiro até ao

último capítulo, vamos ter referências as mazelas das vidas dos habitantes de Cachoeira, onde o autor fará uso da figura de linguagem para expor a condição de vida daquele povo Como escreveu Maligo (1992):

Outras personagens importantes entram e saem de cena em Cachoeira (...) Todos eles representam os pobres pescadores, cozinheiros, vendedores ambulantes, funcionários públicos de baixo escalão, desempregados, vagabundos ou “a gente mais comum, tão ninguém” sobre a qual o autor sentiu-se compelido a escrever já que a sua visão do mundo não se inspirava em Deus nem no Demônio, nem no Bem nem no Mal, mas nesta vida em movimento, em que há nas classes sociais em luta (MALIGO,1992).

Dalcídio vai trazer essa leitura da Amazônia de forma em que os personagens não irão se folclorizar, ou seja, não vai fazer o uso de elementos das lendas amazônicas, em suas obras ele vai trazer o cotidiano, a vivência do amazônida, em especial da Ilha do Marajó.

No romance de Dalcídio vamos ter a representatividade dos ribeirinhos, ao lermos o romance estamos nos deparando com o cotidiano daquela época e até de nossos dias, onde temos a figura do menino (Alfredo) sonhador, que sonha em ter uma vida melhor, de seu irmão (Eutanázio) que tem sérios problemas, amorosos e de doenças, onde o autor usa a doença que estava arrasando a população na época, no caso a sífilis; dentro do romance vamos ter vários acontecimentos que irão nos trazer para o ambiente ribeirinho, vamos viajar com os sonhos de Alfredo, onde ele faz o uso do caroço de tucumã para sonhar e acreditar em seus sonhos, vamos nos emocionar com as angústias de Eutanázio para conquistar sua amada Irene.

Na obra Dalcídiana é possível perceber muitos fatos sociais que até hoje destacam-se em nossa sociedade como, por exemplo, o caso o preconceito racial e de comportamento, que serão representados pela prostituta (Felícia), e a miscigenação por (D. Amélia).

Dalcídio Jurandir, em seu primeiro romance vai nos presentear com descrição histórica de uma Amazônia pós- Belle Époque⁴, vai sair do glamour da Belém do fim do século XIX e começo do XX para retratar, as vivências, e as mazela sociais dos ribeirinhos retratados pelos personagens de cachoeira. Assim, de forma denunciativa irá pautar questões sociais, históricas, sociopolíticas, socioeconômicas

⁴Entendida como a manifestação da idade do ouro da cultura urbana da burguesia contemporânea, remete para a Paris do final do século XIX e início do XX. As transformações de Belém foram tratadas como dimensões especulares da Bella Époque matriarcal, parisiense, nas latitudes mentais e sociais dos do trópico Brasileiro (Na Belém da Belle époque da borracha (1890-1910)

e socioculturais da região. De uma forma, crítica vai explorar a pobreza dos habitantes de cachoeira, colocando em discussão a real condição do marajoara após o período colonial.

O romance Dalcidiano vai nos mostrar o Marajó sobre uma ótica de abandono governamental com vários cenários sociais

O escritor Dalcídio Jurandir vai incorporar “espírito da época”, aparecendo o de forma bem marcante; tem uma amplitude mais elevada que essa declaração à base temática que envolve Alfredo na ficção, a qual o autor denominou de “texto embrião”. Momento em que os prosadores se voltam para os problemas sociais, políticos e econômicos, visto que a narrativa, também, foi produzida após o período do boom da borracha, uma época de decadência para o Pará, mais especificamente para o município de Belém, com essa problemática o escritor imprime em suas obras as questões voltadas para o lado espiritual e humano.

Vai pautar no romance a questão do nordestino que saiu de seu lugar para obter uma condição melhor, porém com o fim do ciclo da borracha vai se ver perdido, sem esperança e sem ter como se manter; os personagens vão retratar a vida do paraense, em especial os que dependiam da borracha e como é que eles viviam nesse contexto pós auge da borracha

3 “A NOITE VEM DOS CAMPOS MOLHADOS”: UMA LEITURA PARCIAL DO ROMANCE CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA

O romance é ambientado na vila de Cachoeira e gira em torno do menino Alfredo e de seu irmão mais velho Eutanázio. Alfredo é filho de um pai branco e de uma mãe negra e sonha ir estudar em Belém. No entanto, Alfredo enfrenta problemas para que esse sonho se realize: a falta de interesse do pai (Major Alberto) pelo futuro do filho e as dificuldades financeiras. Para aliviar as tristezas, Alfredo brinca com um caroço de tucumã que, na fantasia do menino, tem o poder de realizar seus sonhos e reverter a miserável situação em que se encontram os habitantes de Cachoeira. Do outro lado, o co-protagonista Eutanázio representa um contraponto aos sonhos de Alfredo. Eutanázio é desiludido, pobre, decrépito, obsessivo, problemático, condenado à morte pela Sífilis, possui uma forte necessidade de auto degradação e nutre um amor doentio pela jovem Irene que o despreza.

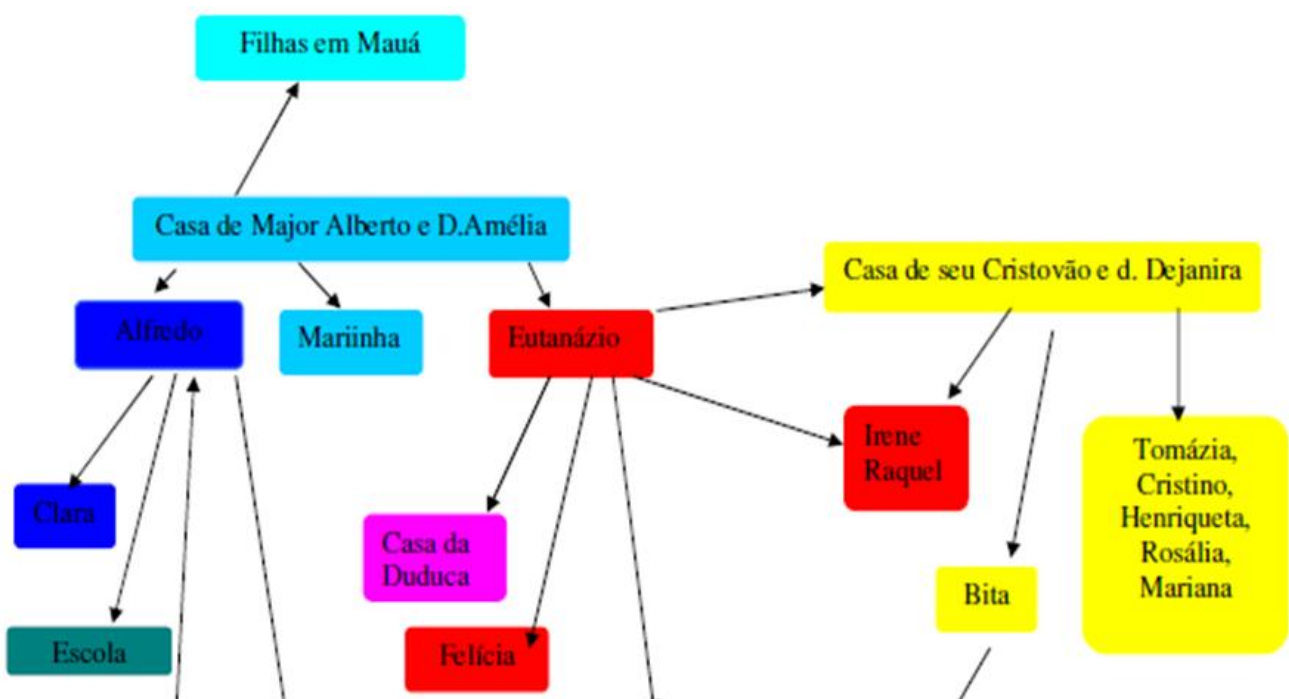
A dualidade conceptual do universo dos personagens leva– os a caminhos opostos: Alfredo caminha em direção à vida, Eutanázio, à morte. Ademais os interesses também são diferentes, seja pela diferença idade, seja pelo lado poético de cada um. Enquanto o primeiro faz da vida uma poesia, o segundo uma apologia a morte (ASSMAR, 2003, p.146).

3.1 PERSONAGENS

O romance vai contar com um grande número de personagens. Os personagens na obra vão ser separados por núcleos, com ligações entre si, Alfredo e Eutanázio, vão ser a ponte entre os núcleos, dentro do romance os personagens vão se entregando de maneira a dimensionar o leitor a ideia de uma leitura ficcional, porém com elementos da vida real, levando-nos a adentrarmos ao livro, o diálogo existente entre os personagens, tantos os protagonistas, como os menos importantes na obra se é que posso definir assim, nos passa essa conjuntura de real, de relações sociais.

Dalcídio Jurandir representa o regionalismo amazônico, mais precisamente o paraense. Concebeu e executou, com mão de ferro, um ciclo, o do Extremo Norte (...) Painel da terra e gente do Marajó e Belém do Pará, a série define – se como um romance – rio, ou melhor, uma novela – rio, por sinal desenrolada à beira do rio. Vasta narrativa de aprendizagem, obedece ao fluxo histórico do tempo, com personagens recorrentes, em meio a outras que saem de cena após cumprir o seu papel (MOISÉS Apud NUNES, 2000, p. 30).

Os núcleos de cachoeira vão se passar em cinco ambientes, casa do major Alberto, casa do seu Cristóvão; casa da costureira Duduca; casa dos filhos de Sía Rosália e casa de Felícia. A seguir imagens do organograma do que seria a interação e o espaço dos personagens dentro do romance, dividido por núcleos e relações dentro da obra.



Fonte: Google imagens.

4 A METÁFORA COMO FIGURA PRINCIPAL NO ROMANCE “CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA”, DE DALCIDÍO JURANDIR

A CASA/CHALÉ (FAMILIA DE ALFREDO)

(...) voltar para o chalé era, muitas vezes, ter de olhar na saleta o vulto de Eutanázio sozinho com aquela cara amarrada. Era tentar compreender por que motivo D. Amélia não lhe explicava a doença de Eutanázio, misteriosa moléstia essa que parecia invadir todo o chalé (JURANDIR, 1997, p. 16)

Na casa está toda história social, econômica. Ao se deparar com sua vida social cultural seu sofrimento recomeçava. Casa então é um ambiente de tristeza, para d' Amélia a ida de Alfredo para Belém seria essa fuga da miséria, de sofrimento de seu filho, a metrópole Belém é a solução para salvar sua prole.

(...) “Voltar para casa era voltar às feridas, que apesar de saradas [lhe] deixaram marcas nas pernas e na nuca. (...)” (JURANDIR, 1997, p. 16).

Ao analisar esse outro trecho vamos perceber que o autor faz o uso dos dois protagonistas para desenrolar toda a história, é através desses personagens que vamos entender a posição social, cultural e financeira de cada personagem. Alfredo

vai ser o sonhador o protagonista da vida, da esperança de dias melhores, vai questionar a situação social, porém com fé em dias melhores. Já Eutanázio vai ser o questionador, o que vai questionar a pobreza, o amor platônico, a relação de poder e a própria ética religiosa dos personagens.

Nesse ambiente da casa chalé da família de Alfredo, outra representação social é Major Alberto vai simbolizar a “elite da borracha”, a aristocracia paraense na “lama” após o “boom” da comercialização da borracha, vai retratar a vida de miséria da elite marajoara, composta principalmente por nordestinos que migraram do Nordeste para a Amazônia no auge da Belle Époque, e agora se viam em um lugar de abandono, sem representatividade governamental, um lugar esquecido pelas autoridades. Assmar (2003) diz que:

A obra reconstitui, de forma documental, o passado amazônico do século XX, introduzindo ao cenário brasileiro uma ficção “com uma narrativa ainda mais intrigante (...)”. A técnica da narrativa, com a apropriação da oralidade e do cotidiano, instaurou a modernidade na Amazônia (ASSMAR, 2003, p. 13).

A casa chalé, de Major Alberto, vai ser como uma espécie de porto seguro para a vila, é nela que as pessoas mais humildes vão em busca de ajuda, onde são bem recebidas por D. Amélia e Eutanázio e ignoradas por Alfredo e seu pai, Dona Amélia, dentro da narrativa é meio que uma líder de bondade, uma espécie de líder, podemos dizer que uma líder religiosa, espiritual.

“(...) – Isto já é um vício! Não somos ricos, não! Não somos! É preciso acabar com esse seio de Abraão! (...)” (JURANDIR, 1997, p. 95).

A CASA/CHALÉ (FAMÍLIA DE IRENE)

Os habitantes do chalé da família de Irene vão ser compostos por três gerações, por isso Jurandir faz questão de dizer que o chalé tinha três janelas, a janela é a representação das gerações que coabitam aquela casa. “(...) não tem vontade nenhuma de voltar de volta para o chalé das três janelas (...)” (JURANDIR, 1997, p.60).

A família de Irene vai ser a representação do conformismo com seu estado social, vão se estabelecer na conformidade da pobreza, sempre lembrando dos momentos de glória, que viveram, mas de braços cruzados para o seu estado atual.

(...) E olhe que no meu tempo de fazenda quanta carne gorda comi de espeto (...)
(JURANDIR, 1997, p. 54)

Vão ser o retratado dos que querem se dá bem em cima dos outros, e um desses artificies é o uso das filhas para tentar um casamento bom, D. Dejanira a matriarca vai ser a principal expoente dessa ideia (..). O tal do nosso casamento foi por águas abaixo, besta é outro não eu. A senhora deveria ter vergonha na cara de para não comer meu rico dinheiro que ganhou graças a Deus com o suor do meu trabalho (...) (JURANDIR, 1997, p. 54). Eutanázio vai ser meio que um ajudante da família, por nutrir amor por irene vai sempre levar algo para a família.

A ÁGUA

“Quando as chuvas voltavam, então era que D. Amélia sentia mais desejo de levar Alfredo para Belém. Já está crescido, ele, tudo pode acontecer com aquelas aguas que iam e vinham mornas e silenciosas” (JURANDIR, 1997, p. 17).

A água remete ao sofrimento, à perda. Sinônimo de angustia. Podemos perceber também que a água representa dentro da obra a fome e miséria daquele povo. A água dentro da obra vai ser o símbolo de tudo que de mau que aconteceu para a família de Alfredo, principalmente remete também a perda de seu irmão que morreu afogado, então a água no romance vai trazer, dor e sofrimento para o povo da vila de cachoeira.

AS MARCAS DE FERIDAS

“Agora com a marca das feridas o seu corpo era feio, corpo também moído pela febre. Sentia-se humilhado quando sua mãe ia lavar – lhe as feridas, e por mais que as mãos de D. Amélia fossem leves e pacientes sentia que aquelas feridas nunca lhe deixariam de doer o desejo muito seu de partir daqueles campos, de parecer menino diferente do que era” (JURANDIR, 1997, p. 16).

O corpo era o reflexo do que o espaço geográfico lhe causava. Ou seja, esse espaço geográfico lhe machucava não apenas a alma/o coração, mas também o corpo. As feridas vão representar a pobreza da vila, D. Amélia cuida dela desde criança, porém nada dela curar, nada dela sarar.

O POÇO RASO/FUNDO

“(...) D. Amélia não deu um grito. Saltou, e foi buscar Alfredo no fundo do poço que era raso. Salvava o filho, e daí em diante parecia mais dela, saindo não somente de sua carne como do seu ressentimento, que ela sempre guardava consigo mesma a respeito do outro filho que morrera afogado.” (JURANDIR, 1997, p. 16).

O trocadilho fundo/raso denota que a situação social deles (no caso a miséria) era como um fundo de um poço, sem fim. D. Amélia queria, metaforicamente, salvar o filho dessa vida. Queria salvar o filho da miséria, haja vista que perdera um outro para as águas; a água em, chove nos campos é nada mais que a miséria e a desgraça daquele povo.

“Agora menino solitário, ia criando prevenção contra o mundo. Como lhe doía dentro dessa prevenção a marca das feridas e a quase certeza de que a febre o levaria para o cemitério, para o cemitério, para aquelas sepulturas que são, no inverno, como poços. Os mesmos poços dos quais D. Amélia tanto fez para o salvar (...)”. (JURANDIR, 1997, p. 144).

POR DEBAIXO DO CHALÉ

“Podia ter medo, mas era enorme a sensação de ouvir, uma noite, o ronco do jacaré debaixo da casa.” (JURANDIR, 1997, p. 17).

O medo e o perigo se escondiam debaixo daquela casa, quando o termo, o espaço casa, deveria remeter à segurança, felicidade. Mas é um local que remete à perigo. Um dos perigos que se passam debaixo da casa é o jacaré que passa debaixo da casa ao encher as águas dos rios. As casas na Ilha do Marajó são construídas em cima de palafitas haja vista que por um certo tempo as águas tomam conta de toda a paisagem, tudo o que se é da água vem para a terra em deslize sobre a água que passa por debaixo do chalé.

OS CAMPOS QUEIMADOS

“Os campos não voltaram com ele, nem as nuvens nem os passarinhos e os desejos de Alfredo caíram pelo campo como borboletas mortas. Mais para longe já eram os campos queimados, a terra preta do fogo e os gaviões caçavam no ar os passarinhos tontos.” (JURANDIR, 1997, p. 15).

O sonho é representado pelo tucumã. Perder o seu talismã (tucumã) significa que ele perdera seus sonhos. Não os tinha mais.

E perdeu seus sonhos no espaço representado pelos campos queimados. É como se o narrador quisesse dizer que ali era impossível cultivar/manter sonhos. As queimadas serviam para a criação do gado, com o fim da exploração da borracha o seringueiro vai se ver agora sem rumo e o único objetivo é a criação de animais para a sua sobrevivência

O CAROÇO DE TUCUMÃ⁵

“Os campos o levaram para longe. O caroço de tucumã o levará também, aquele caroço que soubera escolher entre muitos no tanque em baixo do chalé.” (JURANDIR, 1997, p. 15).

O caroço de tucumã para o garoto representa beleza, sonho, esperança, um espaço vivido/usado por ele para chegar aos outros espaços sonhados. Também pode ser o local onde ele se refugia (ou usa como escudo) para os males que advêm dos campos queimados.

“(...) só a bolinha tomava corpo de gente, era uma amiga. Era o corpo da imaginação. Bolinha fiel e rica de sugestão! Ela sugeriu tudo, ele achava desde a salvação do Brasil até uma caixa de charutos palhaço”. (JURANDIR, 1997, p. 144).

O caroço de tucumã era a saída de Alfredo, a imaginação a solução da pobreza, dos problemas de doença, problemas conjugais e da própria pátria.

“(...) sim tinha idade para pensar já que o Brasil andava errado. E sonhava com um presidente da república que fosse o salvador do país. Nilo Peçanha, por exemplo, era uma espécie de cidadão incorruptível para ele. O mundo dos homens, de longe, ainda se mostrava cheio de esperanças de grandeza. Ele então armava um Brasil faz de conta (...). (JURANDIR, 1997, p. 144 - 145).

Esse trecho do romance é tão atual, ao ler me deparei com os atuais acontecimentos de nosso país a figura do herói nacional, será praxe do Brasil sempre anseia por um salvador, um libertador. Dalcídio vai trazer a conjuntura política, social e governamental do Brasil de sua contemporaneidade, que vai muito bater de encontro com a nossa atual conjuntura, onde passamos pelos mesmos levantes.

“O palácio do catete era um resto de cadeira velha que ficara fora da Folha Miúda, na beira do rio. E o Brasil entrava na terra como o primeiros país do mundo.

⁵ Na cultura indígena o caroço de tucumã é considerado um amuleto.

Rio de Janeiro era não só a cidade dos mais belos edifícios do mundo. Guanabara tinha o condão de reunir na sua beleza a entrada do Bósforo, o golfo de Nápoles e outras belezas da terra. Florença tinha mármore? (Lia isso um pouco confusamente num livro que seu pai tinha), pois o Rio possuía as maiores obras de artes do mundo. Tudo no Brasil deveria ser esplêndido, mais belo e maior, ficava intrigado em saber que o Mississipi Era mais comprido que o Amazonas. E o Nilo? Não, não! Pois sua bolinha ia fazer o Amazonas o mais comprido, o mais largo, o mais belo rio do mundo (...)" (JURANDIR, 1997, p.145).

A bolinha dentro da narrativa vai preencher de forma positiva tudo que é negativo na vida de Alfredo, tudo que ele não tem a bolinha vai trazer até ele, nos trechos descritos acima até vai trazer tudo que tem de bom de outro país para o Brasil, a bolinha vai fazer com que o seu lugar seja o melhor lugar do mundo, que seus rios sejam os mais vistosos, os mais exuberantes com a bolinha Alfredo esquecia-se de tudo que lhe era mal, suas feridas sumiam, bolinha vai ser a força de continuar, a esperança de dias melhores, vai solucionar todos os problemas de cachoeira.

Alfredo assim como seu pai Major Alberto, e apático em relação à condição de miséria das pessoas de cachoeira, trata mal todos os que em sua porta vem em busca de alimento, talvez a bolinha fosse para Alfredo a fuga da realidade de miséria a fuga dos pobres.

"(...). Preferia estar com a bolinha, reunindo o seu gado de tucumã, olhando as formigas no quintal cortando e carregando folha, do que subir e atender Marialba, que amarelinha e gaga, esperava D. Amélia se desocupar do seu serviço para lhe dar a farinha. Alfredo não queria saber de menino pedindo no chalé. Chegara a expulsá-los. Os pobres temiam-no e rezavam para não encontrar Alfredo na porta". (JURANDIR, 1997, p.95).

Toda vez que leio a obra de Jurandir e que me deparo com Alfredo sonhado com seu caroço de tucumã, lembro-me das brincadeiras nas ilhas de Abaetetuba, onde nós usávamos o caroço de tucumã para brincar de pião ou de peteca, usávamos o caroço do tucumã como peteca, imagino que talvez o caroço seria uma das brincadeiras de Jurandir.

A REDE À NOITE

“Quando está em sua rede, à noite, sempre ouve os dois conversarem”
(JURANDIR, 1997, p. 18).

O mistério, os pensamentos, projetos traçados, ocorrem tudo ao se deitar na rede, é ela quem irá tranquilizar Alfredo. A rede⁶ é o porto seguro de pensamento e reflexão do menino sonhador. (A rede é importante para o caboclo, é o lugar dele dormir, pensar, descansar, etc.). A rede na vida do paraense é uma herdade do índio, e é nela que os habitantes da vila vão deleitar todos os seus sonhos, angustias.

OS CAMPOS QUEIMADOS À NOITE

“À noite sobre os campos queimados também se queima e perde a paz”
(JURANDIR, 1997, p. 18).

A noite tende a trazer a calma. É o momento em que o indivíduo dorme e “renasce” com novas esperanças. Mas as noites nos campos queimados queimam qualquer chance de o indivíduo acordar renovado. Podemos analisar que a noite nos campos queimados se perde a paz, pois é nesses campos que ao nascer do sol a esperança dos ribeirinhos iria se renovar ao ver as flores e matos nascerem no campo, mas não se pode nascer verde em terra queimada.

IRENE, ANGÚSTIA E SOLIDÃO

“Desejou passar a mão naquele ventre que crescia vagaroso como a enchente, com a chuva que estava caindo sobre os campos. Desejaria beijá-lo. Estava vendo, ali, a criação, a gênese, a vida. Havia nela qualquer coisa de satisfeito, e profundamente calmo e de inocente. Não dava mostra de sofrimento, nem de queixa, nem de ostentação. Era como a terra no inverno. Seu ventre recebeu o amor como uma terra. Como a terra dos campos de Cachoeira recebia as grandes chuvas”. (JURANDIR, 1997, p. 285).

Irene é uma personagem criada para agir com naturalidade, sem intenções de ferir, mas pela sua natureza pode ser interpretada como uma vilã que irá se

⁶Rede é um utensílio doméstico de origem ameríndia, originalmente feita com cipó e lianas. Consiste numa espécie de tecido com alças. Hoje em dia, as redes são fabricadas de diversas formas e materiais, desde as mais tradicionais de fio, tecidas em "batelão" (tear) mecânico ou elétrico, até as feitas a partir de tecido ou de materiais sintéticos como *nylon* e outros materiais. Na região norte e nordeste do Brasil, a rede ainda é muito utilizada para dormir em substituição à cama.

aproveitar das boas intenções de Eutanázio. Porém aos olhos de Eutanázio, Irene é uma figura “mística” uma figura “religiosa”.

Dentro do romance podemos perceber uma metáfora da figura de Irene, onde o autor a coloca como uma personagem que na comparação com a cultura grega percebemos que Irene é a deusa da paz, porém dentro do romance ela está mais para a vilã, principalmente em seu comportamento com Eutanázio.

BELÉM A NOVA JERUSALÉM

(...), Mas Alfredo acorda com aquela cidade cheia de torres, chaminés, palácios, circos, rodas giratórias que lhe encham os sonhos e o carocinho (...); então a cidade para Alfredo era o reino de história encantada, toda calçada de ouro, e com casas de cristal, meninos com roupas de seda, e museus com muitos bichos bonitos. A cidade onde se fazia o Círio de Nazaré (...) (JURANDIR, 1997, p.86).

Alfredo ver Belém como a forma de esquecer todo o sofrimento vivido por ele em cachoeira, a cidade de Belém vai ser como a nova Jerusalém o refúgio dos salvos, vai sair do mundo de real e entrar na imensidão dos seus sonhos, com a ajuda do caroco Alfredo pode imaginar, está em Belém, pode imaginar aquela cidade linda com paisagens lindas, com as mangueiras cheia de frutos, os pensamentos de Alfredo sobre Belém se confunde com o real e o imaginário, em seu deleite sobre essa cidade o autor leva Alfredo a uma Belém com herdades do ciclo da borracha com seus belos teatros, museus e palácios, porem leva o menino a imaginar calçadas de ouro e casas de cristal, uma cena pós apocalipse, vai trazer para a sua obra a passagem da bíblia: as doze portas eram doze perolas, cada porta feita de uma única perola. A rua principal era de ouro puro, como vidro transparente (BIBLIA SAGRADA, Ap. cap. 21, v. 21).

FELICIA, O CRUCIFIXO E OS ARRANHA-CÉUS

“(...). Uma mulher que cheirava a poeira, a poeira molhada. Cheirava a terra depois da chuva. A fome. Fedia a fome. Estava descalça gripada, assoando o nariz no fundo do quatinho, onde tinha, na parede, uma estampa de Nova Iorque(..) os arranha – céus cresciam dentro do quatinho escuro e sujo (...), mas numa mesa ao canto, e meio arriada, um grande crucifixo mostrava na luz escassa umas vagas

costelas redentoras. Onde estavam os olhos de cristo naquele crucifixo? (..)” (JURANDIR, 1997, p.25).

Felícia vai ser o retrato das muitas mulheres que viam na prostituição o único meio de se manter viva, de sobreviver, vai retratar a pobreza ao extremo do ambiente de cachoeira, vai ser a representação do poder de desigualdade social, aparece sempre na narrativa como a sedenta de pão de alimento. Felícia vai ser a representação do pior estado do ser humano, a fome e o desprezo, dos demais habitantes de cachoeira, vai ser a única do enredo onde não vai morar no centro da cidade, vai ser a excluída a periférica, a marginalizada da sociedade.

O trecho acima vai ainda retratar a miséria de Felícia, junto com o contraste da estampa dos arranha – céus de Nova Iorque, símbolo da prosperidade capitalista, vai criticar a diferença social estabelecida dentro do capitalismo, ainda vai questionar a ética cristã e a existência de Deus. ” (...) *Porque cristo não transformou a pequena cruz em pão para Felícia? ”* “ (JURANDIR, 1997, p. 27).

Vai ser também o porto seguro para as amarguras de Eutanázio, vai ser a sua fuga da paixão doentia por Irene, Felícia vai ser seu suicídio, pois através da relação sexual, que tiveram, ele contraiu a sífilis. “(...) *mesmo pelo fato dela estar talvez doente era como uma abstenção que o tentava. Uma absurda necessidade de violá-la (...)*”. “ (JURANDIR, 1997, p.26). Felícia vai se caracterizar como a degradação da pobreza, e a marginalização do estado da mulher, representa dentro do poema a posição da mulher dentro da sociedade do século XX.

DONA AMÉLIA, A MAE DE TODOS

D. Amélia é a representação do cuidado, da ajuda ao menos desfavorecidos, a mãe de todos da vila, vai fazer partos, ser bondosa para com os habitantes de cachoeira, D. Amélia vai se portar como a mãe dos necessitados.

“(...) Os meninos iam todas as manhãs com cuias, tigelas, garrafas”.

- D. Amélia, para a senhora mandar um tostão de leite para a mamãe, que está com Felício doente.

- D. Amélia, para a senhora, se tem leite, manda uma cuia para o papai.

- Madrinha, mamãe manda lhe pedi um quartilho de leite fiado até amanhã.

D. Amélia não tinha jeito de estar negando e a pobreza de junto do chalé comia nem que fosse para tapar um buraco de dente. (...) sabia curar bem uma garganta. Metia o dedo enrolado de algodão, ensopado de mel e limão assado na

goela dos meninos e a acabava a inchação e a dor (...) tinha um dedo benzido (...) (JURANDIR, 1997, p. 93-94).

“(...). Quanto ao branco e preto, Alfredo achava esquisito que seu pai fosse branco e sua mãe preta. Envergonhava-se por ter de achar esquisito. Mas podia a vila toda caçoar deles dois se saíssem juntos. Causava-lhe vergonha, vexames, não sabia que mistura de sentimentos e faz-de-conta. Por que sua mãe não nascera mais clara? E logo sentia remorso de ter feito a si mesmo tal pergunta. Eram pretas as mãos que sararam as feridas, pretos os seios, e aquele sinal pretinho que sua mãe tinha no pescoço lhe dava vagaroso desejo de o acariciar, beijando-lhe também os cabelos, se esquecer do carço, do colégio, das feridas, da febre, dos campos queimados avançando para a vila dentro da noite no galope do vento. Ficar assim como se pela primeira vez, de repente, compreendesse que tinha mãe, a primeira e real sensação que era filho, de que brotara, de súbito, daquela carne escura”. (JURANDIR, 1997).

A personagem de D. Amélia também é a representação da primeira dama da cidade, ou a representação da religiosidade Afro-Indígena, por ter muito conhecimento sobre remédios e por ser uma espécie de curandeira da cidade. Sempre disposta a ajudar.

DOUTOR CASEMIRO LUSTOSA O LATINFUNDIARIO

“(...) resolveu instalar em cachoeira uma fazenda modelo. Mas necessitava comprar campos, convencer os pequenos criadores vizinhos de cachoeira a cederem as suas fazendas para aquela obra de patriotismo e desprendimento. Era também necessário explicar que a grande fazenda de nenhuma maneira se compararia com o latifúndio(...)”. (JURANDIR, 1997, p. 227).

Lustosa vai ser a representação do grande seringalista que pelo declínio da borracha em frente a produção asiática, teria que ver outra forma de manter seu status e a maneira que ele via era a de grandes fazendas de gado e plantações de nada parecido com os pequenos fazendeiros de cachoeira. Lustosa, vai ser o latifundiário, o louco por terras, usava de sua lábia para convencer os pequenos fazendeiros a arrendarem suas terras para ele (...) Doutor Lustosa era a simplicidade em pessoa(...) (JURANDIR, 1997, p. 227).

CLARA E O DESPERTAR SEXUAL DE ALFREDO

Clara vai ser o despertar da sexualidade para Alfredo, vai trazer imaginações de desejos e de paixão para com Clara. (...) *Clara devia ter voltado a ser menina para andar com ele, de mãos dadas pelo campo (...) (JURANDIR, 1997, p. 173).* Clara vai ser a imaginação de seus desejos de adolescente vai ser a nostalgia de seu desejo (...) *toda vez que Alfredo desejava uma menina para passear nos campos, ser amiga dele no colégio, ler com ele os livros de viagens, o carocinho fazia Clara da idade do menino e era meia hora de sonho (...) (JURANDIR, 1997, p. 174).* Alfredo vai ser o sonhador dentro da narrativa, não vai se prender ao ambiente que está inserido e essa fuga vai ser através de seus sonhos de suas viagens pelo imaginário, diferente de Eutanázio que vai aceitar seu estado de miséria e até trazer mais desgraça para a sua vida, como forma de fuga, a morte para ele vai resolver todas as suas desgraças e paixão mal resolvida.

O SONHADOR E O CATÁLOGO

(...) *Era encontrar Major Alberto folheando os catálogos como se folheasse os próprios sonhos e recuperasse todos os projetos perdidos (...) (JURANDIR, 1997, p. 16).* Major Alberto assim como seu filho Alfredo não aceitará a sua situação de vida, e folhear os catálogos vai ser sua forma de sonhar de enfrentar a atual condição social lhe imposta, vai entrar dentro do catálogo e rever seus projetos perdidos, vai poder recuperar sua vida que deixará no passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as pesquisas realizadas para a produção deste artigo, pude perceber que Dalcídio Jurandir deixou um conjunto de obras que ainda serão divulgadas, desconhecidas pelo público leitor, alguns de seus trabalhos reconhecidos pelo prêmio “Dom Casmurro”, ainda é desconhecido pela maioria dos leitores de literatura brasileira. O reflexo desse acontecimento é o pouco estudo que tem sobre sua obra, “Chove nos Campos de Cachoeira” é uma obra da literatura do romance moderno da nossa Amazônia, que deve ser preservada e discutido por nós Amazônidas.

Em “Chove nos campos de Cachoeira”, observamos a sociedade em decadência, principalmente das instituições sociais de família, “parece até atual.” Em suas obras em destaque para “Chove nos campos de Cachoeira”, Dalcídio, vai tratar da vida cotidiana do homem da Amazônia com um olhar muito verdadeiro, vai trazer o viver íntimo, do vaqueiro, do pescador, da costureira, da prostituta de

mulheres e homens Amazônida. Dalcídio Jurandir mostra Amazônia em sua totalidade, trabalha os conflitos sociais do marajoara, porém com viés que podemos identificar em qualquer região do Brasil.

Sendo assim, fiz uma análise da obra “Chove nos campos de Cachoeira” de Dalcídio Jurandir, com o foco principal na metáfora, fazendo o uso dessa figura de linguagem, ele trouxe um enredo de uma importância para a nossa literatura, tratando da vida social, do cotidiano fazendo uso de personagens tão significativos para a nossa sociedade, falando desses acontecimentos com uma simplicidade, sem o apelo estético clássico, mostrando a vida do marajoara como ela é sem folclorização dos personagens. A metáfora está presente em todos os personagens do romance, principalmente no personagem Alfredo com seu caroço de tucumã, seu viés de sonho e fuga da vida que levava em Cachoeira do Arari.

REFERÊNCIAS

- ASSMAR, Olinda Batista. **Dalcídio Jurandir**: um olhar sobre a Amazônia. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2003.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. revista e corrigida. Editora: CPAD 1995.
- CASSIRER, Ernst. **Linguagem e Mito**. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos Campos de Cachoeira**. Dalcídio Jurandir. – ed. Especial – Belém: Cejup/ Secult, 1997. 294 p.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Educ., 2002.
- MALIGO, Pedro. **Ruínas Idílicas**: a realidade amazônica de Dalcídio Jurandir. revista USP: São Paulo, 1992.
- MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**, vol. V. 3ª ed. Cultrix: São Paulo, 2000.
- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 2003.
- NUNES, Paulo. **Literatura Paraense Existe?** 2008. Disponível em <http://escritoresap.blogspot.com/2008/01/artigo-do-professor-paulo-nunes.html>. Acesso em 05 jun. 2018.